ISSN: 2358-8829

# A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO(A) PEDAGOGO(A) EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Simone de Jesus Sena da Silva Sousa [1]
Carmen Lúcia de Oliveira Cabral [2]

## INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XXI, as transformações socioculturais, econômicas e institucionais têm reconfigurado de maneira profunda as demandas formativas na sociedade contemporânea. Historicamente circunscrita aos limites físicos e curriculares do ambiente escolar, a prática pedagógica vem expandindo fronteiras de atuação e inserindo-se criticamente em múltiplos espaços sociais. Espaços como hospitais, Organizações Não Governamentais (ONGs), Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), unidades socioeducativas, projetos comunitários e movimentos sociais têm demandado, com crescente intensidade, a intervenção qualificada de profissionais da educação capazes de articular processos intencionais de aprendizagem, emancipação e humanização.

O desenvolvimento da prática pedagógica em espaços não escolares traz tensionamentos teóricos e metodológicos significativos. Nesses cenários, as rotinas estabelecidas por tempos disciplinares e currículos uniformes dão lugar à contingência, à heterogeneidade geracional, à transitoriedade dos vínculos e à urgência de acolhimento de pessoas frequentemente marcadas pela vulnerabilidade social ou pela ruptura das trajetórias de vida.

Diante desse panorama de complexificação profissional e epistemológica, emerge a seguinte problemática norteadora: como se caracteriza e se desenvolve a prática pedagógica do(a) pedagogo(a) em espaços não escolares, considerando-se as especificidades e os desafios inerentes a esses ambientes? Buscando responder a essa interrogação, o presente artigo tem como objetivo geral refletir criticamente sobre a prática pedagógica em espaços não escolares. De modo particular, se estabelecem como objetivos específicos: contextualizar a conceituação teórica e o desenvolvimento da prática pedagógica no cerne da extensão epistemológica da Pedagogia; e analisar os saberes, as tensões cotidianas e os horizontes de ações que

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - UFPI, simonessena@yahoo.com.br;
[2] Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Piauí - UFPI, carmencabral@ufpi.edu.br;

ISSN: 2358-8829

fundamentam a mediação pedagógica em diferentes contextos, atentando para as demandas sociais e culturais dos(as) educandos(as) acolhidos(as).

A justificativa e a relevância deste estudo assentam-se em duas dimensões complementares: a científica e a social. No plano acadêmico-científico, o estudo se justifica pela urgência necessidade de superar concepções reducionistas que ainda equiparam a formação do(a) pedagogo(a) estritamente à docência nos anos iniciais da Educação Básica. Pensar acerca da atuação do(a) pedagogo(a) em espaços não escolares contribui para alargar as bases conceituais da Pedagogia, fortalecendo a reflexão em torno de campos como a Pedagogia Social e a Pedagogia Hospitalar. No âmbito social e político, o estudo ganha pertinência ao visibilizar espaços em que a intervenção pedagógica atua como ação indispensável de garantia de direitos fundamentais, de fortalecimento da cidadania e de acolhimento ético de infâncias, juventudes e adultos situados às margens dos circuitos hegemônicos de escolarização.

Para a consecução dos propósitos delineados, a opção metodológica incidiu sobre a pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória e abordagem qualitativa. Como enfatiza a literatura metodológica educacional, a investigação bibliográfica possibilita a análise cuidadosa da produção teórica já acumulada, permitindo identificar lacunas, entrecruzar perspectivas conceituais e reconstruir criticamente o objeto de estudo a partir de novas categorias analíticas. O modo de sistematização dos conceitos se pauta na leitura analítica, no fichamento temático e no cotejamento conceitual de autores e autoras que compõem o *corpus* teórico da pesquisa.

Sob a perspectiva de Gil (2019), a pesquisa bibliográfica se consolida como um procedimento rigoroso e indispensável quando se busca alcançar uma visão aprofundada sobre determinado fenômeno educativo, por meio de análise sistemática de contribuições teóricas já elaboradas pela comunidade científica, sobretudo livros e artigos especializados. O autor esclarece que a principal vantagem dessa modalidade investigativa reside na possibilidade do(a) pesquisador(a) cobrir uma gama de acontecimentos, interpretações e contextos amplos.

Em consonância, Severino (2016) adverte que o levantamento bibliográfico é na realidade, um exercício epistêmico de leitura crítica, ordenação analítica e desconstrução compreensiva dos textos. Para o autor, a abordagem analítica e interpretativa da literatura existente permite ao(a) investigador(a) situar as categorias conceituais no contexto histórico-social, apreendendo a coerência interna dos argumentos e viabilizando a elaboração de novos esquemas de inteligibilidade sobre o objeto em foco, no caso, a prática do(a) pedagogo(a) nos múltiplos espaços não escolares.

O referencial teórico organiza-se a partir de um diálogo interdisciplinar entre a teoria da prática pedagógica e a filosofia da formação e da alteridade. A concepção de prática pedagógica

fundamenta-se nas formulações de Franco (2012), que a define como uma ação social repleta de intencionalidade, reflexividade e compromisso ético-político. Para compreender a dinâmica da intervenção com o público em condições de extrema vulnerabilidade e a constituição de práticas sociopedagógicas de rua, recorre-se aos estudos de Graciani (2014). A especificidade da atuação em contextos de saúde e internamento encontra ancoragem nas contribuições de Matos e Mugiatti (2017) e Kochhann (2021), autores e autoras que iluminam a dimensão humanizadora da prática pedagógica em espaço de saúde.

A interpretação dos processos formativos que emergem desses espaços singulares é iluminada pelas noções de experiência e sentido em Larrosa (2001, 2025), sob a premissa de que a verdadeira formação ocorre naquilo que nos afeta, nos atravessa e nos transforma subjetivamente. Esse aporte dialoga diretamente com as reflexões de Meirieu (2002), para quem a prática pedagógica se consolida como uma atividade eminentemente ética, dinâmica e complexa, que ultrapassa as práticas tradicionais. Nesse sentido, a ação educativa é orientada pelo "princípio da solicitude", ou seja, um imperativo ético-pedagógico que conjuga a inquietude responsável pelo destino do(a) educando(a) ao acolhimento incondicional da alteridade e ao estímulo permanente para que o(a) educando(a) se constitua de autonomia.

Para cumprir os objetivos propostos, o presente artigo organiza-se estruturalmente em quatro eixos constitutivos. Inicialmente, esta Introdução situa a problemática investigada, explicita os objetivos, demarca a relevância teórica e social da temática, detalha os procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica qualitativa e apresenta a constelação teórica mobilizada. Na sequência, a seção de Resultados e Discussão desdobra-se em duas partes analíticas complementares: a primeira, intitulada "Prática pedagógica em espaços não escolares: tessituras teóricas e horizontes formativos", examina o estatuto epistemológico da Pedagogia, os aportes legais das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os fundamentos da prática em contextos comunitários e hospitalares; a segunda, denominada "Saberes emergentes, desafios e possibilidades da prática pedagógica em espaços não escolares", analisa as categorias da experiência e da alteridade, aprofundando os dilemas da solicitude ética, as tensões institucionais cotidianas e as potências humanizadoras dessa intervenção. Por fim, as Considerações Finais articulam uma síntese reflexiva dos achados, reafirmando a urgência de visibilizar e valorizar a atuação do(a) pedagogo(a) além dos muros escolares, bem como apontando indicativos para a formação inicial e continuada de profissionais da educação.

ISSN: 2358-8829

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Prática pedagógica em espaços não escolares: tessituras teóricas e horizontes formativos

A reflexão em torno da atuação do(a) pedagogo(a) em contextos não escolares exige, preliminarmente, uma problematização epistemológica sobre o próprio estatuto da Pedagogia. Historicamente, a consolidação dos sistemas modernos de ensino produziu uma associação quase indissociável entre o(a) personagem do(a) pedagogo(a) e o espaço físico-institucional da escola. Contudo, reduzir o campo pedagógico à escolarização formal implica circunscrever a formação humana a um modelo hegemônico e disciplinar, ignorando que os processos educativos emergem em todas as esferas da vida coletiva.

Conforme os estudos de Franco (2012), a Pedagogia é compreendida como a ciência da e para a educação, configurando-se como uma reflexão sistemática, crítica e intencional sobre a prática educativa. Para a autora, a prática pedagógica é uma prática social que se organiza em torno de intencionalidades, de finalidades e que se constrói na articulação dialética entre saberes teóricos e a concretude da ação cotidiana, transformando a realidade ao mesmo tempo em que transforma o próprio sujeito que dela participa.

Nessa perspectiva, a intervenção pedagógica em espaços não escolares – como centros de acolhimento institucional, unidades de internação socioeducativa, organizações da sociedade civil, associações comunitárias e hospitais – manifesta-se a partir de uma intencionalidade pedagógica, política e ética. Diante de cenários marcadamente complexos e desafiadores, exige-se do(a) profissional a construção de uma prática alicerçada no diagnóstico crítico da realidade social e na constante articulação de sentidos com os atores e/ou personagens educativos.

Nesse contexto, a expansão do campo profissional e formativo do(a) pedagogo(a) ganhou respaldo formal a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Resolução CNE/CP n. 1/2006 (Brasil, 2006). Ao situar a docência como base, a legislação educacional explicitou que o campo de atuação abrange a gestão, a pesquisa e a produção e difusão do conhecimento do campo educacional em contextos escolares e não escolares. Essa abertura institucional provocou uma reconfiguração nos modos de conceber a formação inicial, requerendo que as instituições de ensino superior repensassem a construção de referenciais teóricos e metodológicos capazes de dialogar efetivamente com os múltiplos cenários socioeducativos.

No âmbito dos espaços não escolares marcados pela marginalização social e pelas lutas comunitárias, a Pedagogia Social e a Educação Popular constituem-se como balizas

ISSN: 2358-8829

fundamentais para compreender essa prática. Nesse contexto, situamos as contribuições de Graciani (2014), ao investigar a prática pedagógica de rua com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade extrema, pois a pesquisadora adverte que atuar em contextos não escolares requer a desconstrução de posturas colonizadoras.

No campo da Pedagogia Social, destaca-se a relevância de um movimento intencional de "ir ao encontro" do sujeito, acolhendo a sua subjetividade, a forma singular de habitar e significar o mundo, bem como fomentando processos contínuos de conscientização crítica e emancipação humana. Sob esse prisma, o ato formativo constrói-se na escuta atenta e na valorização das vivências cotidianas, distanciando-se de práticas impositivas ou padronizadas. Conforme assevera Graciani (2014, p. 68):

> A Pedagogia Social privilegia, como eixo central, a descoberta dos matizes da matriz cultural dos sujeitos para delinear seus princípios pedagógicos o mais próximo da realidade do educando através da dialogicidade, considerando o seu saber, sua experiência, sua história, seus conflitos, seus sonhos, seus valores e crenças e aproveitando a oportunidade educativa para interpretar o mundo humanamente construído com elementos essenciais da cultura universal.

A reflexão apresentada por Graciani (2014) evidencia que a Pedagogia Social não se estrutura a partir de currículos predeterminados ou de uma imposição verticalizada de conteúdos, mas sim a partir do reconhecimento da singularidade sociocultural de quem aprende. Assim, situamos a "descoberta dos matizes da matriz cultural" e a "dialogicidade" como vetores epistemológicos da intervenção educativa, a autora desloca o centro da ação pedagógica da prescrição instrutiva para o encontro intersubjetivo. Nesses múltiplos territórios formativos, os saberes prévios, as dores, os conflitos e as esperanças dos(as) educandos(as) são encarados como o solo epistemológico a partir do qual a prática ganha legitimidade e densidade formativa.

Nessa perspectiva, a mediação pedagógica em espaços não escolares assume um compromisso intrinsecamente humanizador e emancipatório. Ao articular o universo existencial dos(as) educandos(as) aos "elementos essenciais da cultura universal", o(a) pedagogo(a) atua como um elo dialético entre a realidade concreta imediata e a ampliação de horizontes críticos de leitura do mundo. Trata-se de uma prática que recusa posturas compensatórias, assistencialistas ou correcionais, reafirmando que o ato pedagógico nesses espaços precisa emancipar os(as) educandos(as) mediante a valorização das identidades, a garantia inegociável de direitos e a legitimação enquanto protagonistas sociais plenos.

Por outro lado, em espaços institucionais com características específicas, como o contexto de saúde, a prática pedagógica assume contornos singulares de mediação entre o

cuidado, a subjetividade e a cognição. Nesse cenário, recorremos às contribuições de Matos e Mugiatti (2017) quando destacam que a Pedagogia Hospitalar nasce da necessidade imperiosa de humanização da assistência à criança e ao adolescente em regime de internação ou tratamento prolongado. A hospitalização impõe um rompimento abrupto com o cotidiano familiar, escolar e lúdico do(a) educando(a), gerando descontinuidade formativa e sofrimento psíquico.

Nesse horizonte, a atuação pedagógica no leito ou na classe hospitalar transcende o mero acompanhamento escolar compensatório. Como sinaliza Kochhann (2021), a pedagogia em interfaces hospitalares constitui um espaço de ressignificação da própria condição de adoecimento, ou seja, o ato educativo devolve à criança e ao adolescente o estatuto de educandos(as) cognoscentes, produtores de cultura e construtores e ou criadores de futuro, impedindo que sua identidade seja subsumida ao rótulo biomédico de “paciente”. O(a) pedagogo(a) em espaço de saúde articula tempos, espaços e linguagens flexíveis, construindo planos de trabalho individualizados e sensíveis às condições clínicas e emocionais de cada momento vivenciado.

Desse modo, a análise teórica evidencia que a prática pedagógica em espaços não escolares necessita ser pensada como um campo de produção de saberes específicos, cuja legitimidade assenta-se na dimensão ética e política de uma prática formadora que compreende a educação como um direito fundamental, manifesto em todos os lugares em que a vida humana busca significado, dignidade e transformação social.

## Saberes emergentes, desafios e possibilidades da prática pedagógica em espaços não escolares

A compreensão da prática pedagógica em contextos não escolares exige examinar a natureza das relações intersubjetivas que se tecem no cotidiano dessas instituições. Se na escola formal as balizas curriculares e os rituais disciplinares costumam pautar as interações, nos espaços não escolares a ação educativa defronta-se de modo intenso com a contingência, com as rupturas biográficas e com a intensidade da realidade vivida. É nesse horizonte que categorias filosóficas como a experiência e a alteridade deixam de ser abstrações teóricas e convertem-se em chaves hermenêuticas essenciais para a atuação do(a) pedagogo(a).

Para fundamentar essa dinâmica, as contribuições de Larrosa (2001, 2025) mostram-se basilares. O autor nos convida a repensar a educação a partir da distinção essencial entre informação e experiência, sendo assim, a experiência não é o mero acúmulo de fatos, vivências

ISSN: 2358-8829

sucessivas ou dados objetivos, mas aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, Larrosa (2001, p. 21). Em ambientes como enfermarias pediátricas, abrigos de acolhimento institucional, unidades socioeducativas ou projetos comunitários de periferia, os(as) educandos(as) não se encontram prioritariamente disponíveis para a recepção mecânica de conteúdos escolares descontextualizados. A aprendizagem e o desenvolvimento humano realizam-se pela via do sentido, mobilizados por práticas que oportunizam o acolhimento da palavra, o silêncio, a pausa e a reconstrução subjetiva.

O saber da experiência, conforme Larrosa (2025), requer do(a) pedagogo(a) renúncia à pretensão da onipotência e do controle absoluto do tempo pedagógico. Na prática não escolar, o(a) profissional é constantemente afetado(a) pela imprevisibilidade do adoecimento, pelas emergências sociais da comunidade ou pelas oscilações emocionais dos(as) educandos(as). Ensinar e aprender tornam-se atos de escuta e de hospitalidade ética, em que o conhecimento formal só adquire legitimidade formativa quando ancorado na capacidade de ressignificar as dores, as resistências e os desejos de quem aprende.

Essa postura ética desdobra-se necessariamente na relação com o outro, dimensão profundamente examinada por Meirieu (2002, p. 70) ao afirmar que a solicitude:

> se insere em um fundo de inquietude, beira o tormento, manifesta-se pela preocupação assumida pelo futuro de outro tanto quanto pela vontade de estimulá-lo a agir ele mesmo, a se pôr em movimento e a decidir sua própria trajetória. A “solicitude” é, ao mesmo tempo, a preocupação com sua parte de responsabilidade no destino do outro e o estímulo para que ele também tome parte de seu destino.

A formulação desvela a densidade ética que sustenta a relação entre educador(a) e educando(a), explicitando que a “solicitude” pedagógica releva o dever de assumir a corresponsabilidade social pela trajetória do outro sem, contudo, expropriá-lo de sua agência e capacidade de decisão. Em espaços não escolares marcados pela imprevisibilidade, por vulnerabilidades materiais ou pela ruptura de laços cotidianos, essa inquietação se intensifica, exigindo do(a) pedagogo(a) uma postura de presença ativa e vigilante.

Nos espaços não escolares, a preocupação com o destino do(a) educando(a) não se traduz em ditar caminhos ou prescrever comportamentos pré-moldados, mas em criar as condições simbólicas, afetivas e culturais para “estimulá-lo a agir ele mesmo” (Meirieu, 2002, p. 70). A intervenção educativa torna-se, assim, um espaço de encorajamento e de sustentação ética, no qual a mediação pedagógica apoia o(a) educando(a) para que reconheça a própria voz, enfrente as adversidades de seu meio e assuma, progressivamente, a autoria de sua própria existência no mundo.

ISSN: 2358-8829

À luz dessa pedagogia da alteridade, a atuação do(a) pedagogo(a) em espaços não escolares defronta-se cotidianamente com um conjunto complexo de desafios constitutivos, entre os quais se destaca, primeiramente, a indefinição identitária e os limites da regulamentação profissional. Embora respaldada formalmente pelas diretrizes formativas, a presença do(a) pedagogo(a) fora da escola ainda carece, em muitas instituições sociais e de saúde, de planos de cargos, carreiras e atribuições devidamente regulamentados, o que frequentemente gera desvios de função ou precarização dos vínculos de trabalho.

Em segundo lugar, o diálogo nas equipes multiprofissionais e intersetoriais – por exemplo, em hospitais, varas da infância, ONGs e centros assistenciais –, em que o(a) pedagogo(a) atua ao lado de psicólogos(as), assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, médicos(as) e advogados(as). O desafio reside em construir um diálogo interdisciplinar e cooperativo, sem diluir a especificidade do olhar pedagógico, isto é, a mediação dos processos de ensino-aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo e cultural e a emancipação humana.

Igualmente se destaca como desafio a gestão da descontinuidade e da rotatividade dos(as) educandos(as), haja vista que a temporalidade em espaços não escolares é marcadamente transitória. Uma internação hospitalar pode cessar a qualquer momento com uma alta médica inesperada; um acolhimento institucional pode ser interrompido por desfecho judicial; a frequência em oficinas comunitárias oscila conforme as demandas materiais de sobrevivência familiar. Assim, planejar a ação pedagógica sob o signo da transitoriedade exige flexibilidade metodológica para que cada encontro tenha valor formativo em si mesmo.

Por outro lado, esses mesmos espaços abrem possibilidades pedagógicas fecundas e inovadoras a saber: abertura epistemológica, a ausência de matrizes curriculares engessadas oportuniza a construção de currículos vivos, integrados à perspectiva intercultural, aos saberes ancestrais, à arte-educação, ao brincar e às narrativas de vida dos próprios educandos(as), valorizando a diversidade étnico-racial, regional e geracional.

Ressaltamos ainda a humanização e o cuidado integral, especialmente no contexto da Pedagogia Hospitalar e de projetos com infâncias vulnerabilizadas, uma vez que a intervenção pedagógica reconstitui a subjetividade dos(a) educandos(as), lembrando-lhes que não são definidos pela enfermidade que enfrentam no momento ou pela carência econômica que vivenciam, mas pela potência de suas humanidades em constante devir.

Portanto, os saberes que emergem da prática pedagógica em espaços não escolares consolidam-se na tessitura viva entre o rigor teórico-político e a sensibilidade humana, reafirmando que educar e ensinar nesses espaços é um compromisso ético e político com a experiência, com o acolhimento do outro e com a transformação social.

ISSN: 2358-8829

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste estudo possibilitou descortinar as múltiplas dimensões e nuances que configuram a prática pedagógica do(a) pedagogo(a) em espaços não escolares. A atuação nesses múltiplos espaços se firma como um campo singular de prática educativa, alicerçado na plasticidade metodológica, no diagnóstico crítico da realidade social e na construção conjunta de sentidos com os(as) educandos(as).

Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo analítico evidenciou que a ação educativa nesses espaços exige uma intencionalidade ética, política e formativa capaz de transformar a prática pedagógica em autêntica práxis emancipatória. Nesse percurso, a intervenção social e pedagógica precisa partir da descoberta e do acolhimento dos matizes culturais, das dores e dos sonhos dos próprios educandos(as), convertendo o encontro educativo em um espaço vivo de dialogicidade e conscientização.

Nesse mesmo horizonte de sentido, ressaltamos, os pilares éticos que sustentam o agir profissional em contextos marcados por vulnerabilidade social ou enfermidade. Ao resgatar o saber da experiência como aquilo que nos toca e nos transforma, compreende-se que a formação nesses espaços acontece por meio de pausa, escuta, acolhimento, diálogo e ressignificação existencial.

Embora o exercício profissional fora da escola ainda enfrente desafios históricos consideráveis, tais como a indefinição regulamentar em certos setores, a precarização dos vínculos institucionais, os tensionamentos no trabalho em equipes interdisciplinares e o enfrentamento da transitoriedade dos atendimentos, a potência desse campo é incontestável. Esses desafios convocam os cursos de formação inicial e continuada a repensarem urgentemente suas matrizes curriculares, superando visões restritas para abarcar a complexidade teórica e prática da Pedagogia Social, Hospitalar e Comunitária.

Reafirma-se, em síntese, que a atuação de pedagogos(as) em espaços não escolares alarga as fronteiras epistêmicas da Pedagogia ao conferir visibilidade social à essencialidade da prática pedagógica em hospitais, organizações da sociedade civil e redes de assistência social. Essa prática ganha legitimidade ao constituir-se como ação de emancipação e transformação de realidades vulnerabilizadas, visto que, ao partir da experiência vivida e da subjetividade de cada educando(a), o(a) pedagogo/a promove o acolhimento, a escuta atenta e o fortalecimento de vozes historicamente silenciadas. Trata-se de um compromisso ético e formativo que ultrapassa o ensino instrucional, mediando a conscientização de direitos, a valorização da pluralidade cultural e a afirmação de novas maneiras de ser e estar no mundo.

Almeja-se que este estudo instigue novos aprofundamentos e investigações no campo educacional, fortalecendo a visibilidade e a legitimidade das práticas pedagógicas tecidas nos diversos espaços da vida social.

**Palavras-chave:** Prática pedagógica; Espaços não escolares; Atuação do(a) pedagogo(a).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: MEC/CNE, 2006.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social**. São Paulo: Cortez, 2014.

KOCHHANN, Maria Elisabete Rambo (org.). **Pedagogia hospitalar e suas interfaces**. Curitiba: Appris, 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 set. 2026.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar**: a humanização da assistência à criança e ao adolescente hospitalizados. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MEIRIEU, Philippe. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de começar. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.